

Se..., Não...
Revista Portuguesa de Psicanálise
e Psicoterapia Psicanalítica

ap
Associação Portuguesa
de Psicanálise
e Psicoterapia Psicanalítica



Se..., Não...

Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Editor / Publisher

Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Director / Director

Carlos Amaral Dias, PhD

(Professor Catedrático; Psicanalista e Presidente da Comissão de Ensino da AP)

Editor Chefe / Editor in Chief

António Pazo Pires, PhD

(Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica e Saúde do Instituto Superior de Psicologia Aplicada – IU; Psicanalista; Fundador e Associado da AP)

Co-edição /Co-editors

António Alvim, MSc Psicoterapeuta Psicanalítico; Fundador e Associado da AP); Ana Batarda, MsC (Psicoterapeuta e Terapeuta Familiar; Fundador e Associado da AP); Isabel Botelho MSc (Psicóloga; Psicoterapeuta, Fundadora e Associada da AP); João Pedro Dias MSc (Psicólogo Clínico; Fundador e Associado da AP); João Ferreira, MSc (Psicólogo Clínico; Associado da AP); Elisabete Fradique, MSc (Psiquiatra e Psicoterapeuta; Fundadora Associada da AP); Filipe Arantes Gonçalves MSc (Psiquiatra, Psicoterapeuta; Fundador e Associado da AP); Camilo Inácio MSc (Psicólogo Clínico; Associado da AP); Ângela Lacerda Nobre, PhD (Doutorada em Gestão; Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Setúbal, Fundadora e Associada da AP); António Mendes Pedro, PhD (Visiting Professor da Universidade Paris XIII e Professor Associado da Universidade Autónoma; Psicoterapeuta, Psicanalista e



Psicossomática; Fundador e Associado da AP); José de Matos Pinto, PhD (Psicólogo Clínico; Professor Coordenador da ESE de Coimbra; Fundador e Associado da AP); Isabel Plantier MSc (Psicoterapeuta Psicanalítica; Associada da AP); Clara Pracana, PhD (Psicanalista, Professora Convidada do Instituto Superior Miguel Torga, do ISMAT e do ISPA; Consultora; Fundador e Associado da AP); Catarina Rodrigues, MSc (Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP); Manuela Gonçalves dos Santos, MSc (Grupanalista; Fundador e Associado da AP).

Conselho Editorial / Editorial Board

Carlos Alberto Afonso, PhD (Professor Associado do ISPA; MFAPA e MFTPP da AP); Conceição Almeida, MSc (Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP); Maria do Rosário Belo, MSc (Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP); José Henrique Dias, PhD (Professor Jubilado da UNL; Director da Escola Superior de Altos Estudos do ISMT); Maria do Rosário Dias, PhD (Professora Associada no Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz; Fundadora Associada da AP); Jorge Caiado Gomes, PhD (Professor da Universidade Atlântica; Fundador Associado da AP); Mário Horta, PhD (Psicanalista; Membro da Direcção da AP); João Justo, PhD (Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa); Michael Knock, PhD (Professor Associado do ISMT; Teólogo); António Coimbra de Matos, MSc (Psicanalista; Psiquiatra; Presidente da Direcção da AP); Carlos Campos Morais, MFAPA da AP, Investigador-Coordenador apos. do LNEC, Membro Emérito da Academia de Engenharia; Cristina Nunes, MSc (Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino e da Direcção da AP); José Gouveia Paz, PhD (Professor Auxiliar da UAL; Psicoterapeuta); Henrique Garcia Pereira, PhD (Professor Catedrático do IS; Escritor); José Carlos Coelho Rosa, MSc (Psicanalista; Vice-Presidente da Direcção e Membro da Comissão de Ensino da AP); Luís Sozcka, PhD (Psicanalista; Professor Catedrático aposentado do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade do Porto); Ana Vasconcelos, MSc (Pedopsiquiatra; Membro da Direcção e da Comissão de Ensino da AP)

Conselho Editorial Internacional / International Editorial Board

Nancy Burke, PhD (Associate Professor of Clinical Psychiatry and Behavioural Science in Northwestern University Feinberg School of Medicine – Chicago); Rochelle Suri, PhD (Licenced Marriage & Family Therapy; Associate Director of the International Journal of Transpersonal Psychology – San Francisco – California); Judith Parker, PhD (Psychoanalyst in private practice) – Beverly Hills – California); Lynn Somerstein, PhD (Director of the Institute of Expressive Analysis; Book Review Editor Psychoanalytic Review; Psychoanalyst in Practice – New York); Sandra Segan, PhD (Member of the WMAAPP (Western Massachusetts and Albany Association for Psychoanalytic Psychology; Psychoanalyst in Practice-New York)

Se..., Não...
Revista Portuguesa de Psicanálise
e Psicoterapia Psicanalítica

ap
Associação Portuguesa
de Psicanálise
e Psicoterapia Psicanalítica

«Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica. Contudo, também são aceites, de forma complementar, textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e as diversas facetas do Desenvolvimento Humano

© 2016, AP – Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Título

Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Capa

Coisas de Ler

Paginação

Coisas de Ler

Impressão e acabamento

XXXXXXXX

Depósito legal

314677/10

ISSN

1647-7367

data de edição

1.ª edição, Lisboa, Junho de 2016

Coisas de Ler Edições

Tel.: 211 919 350 – Fax: 211 919 349

www.coisasdeler.pt

editorial@coisasdeler.pt



Índice

Editorial

[11-14] *José Manuel Pinto*

O Terror e o Estranho

[17-44] O estranho caso do “menino de ouro”: A transgeracionalidade e a perversão

Alexandra Medeiros

[45-53] Inocência X e a teoria das transformações: O terror puro

Luís Delgado

[55-62] O vazio desiludido e a desvinculação de si próprio

Conceição Almeida

[63-76] Do terror à realidade: O holograma, o ornitorrinco, o desenho e o psicoterapeuta

Ricardo Gameiro Mendes

[77-85] O estranho entre amor e morte. Uma análise psicanalítica

Michael Knoch

[87-97] O estranho no processo analítico

José Manuel Pinto

Teoria e Clínica

[101-110] Dor psíquica e risco de suicídio. Notas para uma compreensão dos comportamentos suicidários

Rui Campos

[111-130] A palavra, o corpo e o “verdadeiro outro” – O modelo AEDP (Accelerated Experiential Dynamic Psychotherapy)

João Ferreira

[131-141] O lugar da *rêverie* na obra de Bachelard
Ana Gaspar

Investigação e Psicanálise

[145-153] Sobre os ombros de gigantes
Alexandre Vaz

[155-176] O estudo da representação de si através da obra fotográfica de Francesca Woodman numa perspetiva psicodinâmica e projetiva
Mariana Mendonça e Luís Delgado

[177-192] Fazer rir para não chorar. Abordagem psicanalítica do humor
Inês Francisco e Luís Delgado

Editorial

O sofrimento humano é um invariante quotidiano na psicoterapia/psicanálise e apela a um entendimento e uma transformação eficaz que torne o paciente mais competente e funcional na sua vida. Este sofrimento apresenta-se com várias vestes e disfarces que procuram e escondem compreensão e encontro numa nova relação onde a repetição termine e possa iniciar-se uma nova maneira de lidar com os mesmos elementos presentes nas relações. O presente número da revista é composto por três secções com textos relativos à temática do *estranho* e do *terror*, *teoria e clínica e investigação e psicanálise*.

Os vividos de *Estranho* e de *Terror* devolvem o sujeito aos receios que o paralisam ou fazem fugir, bem como o questionam sobre os seus alicerces e as falhas que eles comportam. No texto *O estranho caso do “menino de ouro”: a transgeracionalidade e a perversão*, Alexandra Medeiros brinda-nos com a evolução duma personalidade perversa em psicoterapia através de uma articulação entre indivíduo e a família, expondo a importância da transgeracionalidade, nomeadamente, das áreas indiferenciadas do self familiar (Bowen, 1991), geradoras de mal-estar e de patologia nas gerações seguintes, deixando o sujeito entregue a uma raiva difratada e impossível de ser pensada.

Em *Inocência x e a teoria das transformações: o terror puro* é-nos apresentado o olhar de Bacon acerca do humano e de como ele o via sem aparências, na sua essência mais crua ou no, dizer de Luís Delgado, como «uma metáfora do sentimento interno perante a falência total da cultura», nessa luta incessante entre natureza e cultura, onde a destrutividade pode imperar e as ocorrências da vida podem interpor o horror entre a vida e o sonho/pesadelo que apelam às velaturas que escondem e, ao mesmo tempo, mostram como a transformação se torna imperiosa.

A autora Conceição Almeida explana no seu texto sobre o estranho e o terror na radicalização fundamentalista do pensamento onde o ódio e o ataque ao vínculo imperam. A autora descreve com mestria como os vividos hostis podem tornar-se capazes de desconstruir equilíbrios anteriores bem-sucedidos. Esta contínua construção/desconstrução é pois uma obra em aberto, uma construção infundável que apela por cuidado permanente. Por outro lado, o seu texto desnuda a adolescência como um período do desenvolvimento onde o remanejamento da infância e o despertar de uma

qualquer fragilidade pode tornar-se semente dum desencontro do sujeito consigo e com os outros. Na história de fundo que acompanha o texto, o sujeito reencontra-se consigo e com os outros, curiosamente em lugar teoricamente hostil, reintegrando-se de forma mais solidária e empenhada com o contexto que o viu crescer. Quando a hipérbole pôde ser contida e transformada o reencontro deixou de ser uma miragem longínqua e o outro reassumiu também a sua condição humana.

No texto *Do terror à realidade: O holograma, o ornitorrinco, o desenho e o psicoterapeuta*, Ricardo Gameiro Mendes mapeia a construção do eu e o lugar mutante do outro num texto onde se torna clara a construção paulatina do eu e do lugar do outro. A démarche do texto deixa claro os movimentos de vai e vem e as construções/desconstruções que apelam à constância, à consistência e à função continente (Anzieu, 1994, 1995) do psicoterapeuta na construção duma área de concordância e de significação do sujeito com o mundo, bem como revelam que a função psicoterapêutica vai mudando e ajudando a estruturar o Eu do paciente.

No texto *O estranho entre amor e morte. Uma análise psicanalítica* Michael Knoch desenvolve os termos *unheimlich* e *heimlich* e faz uma resenha histórica do período napoleónico e do seu impacto devastador em terras da Alemanha e da Áustria, deixando um rasto de devastação e dor. Mostra-nos como a literatura romântica é fruto deste sofrimento, passando a reger-se pelas emoções e fantasias em contraponto com a literatura clássica. Termina analisando *O homem da areia*, onde a tragédia humana – o desencontro do eu consigo mesmo – pode inviabilizar qualquer projeto de amor que desponte, num sentido expresso pelo autor como amor e morte, onde esta suplanta qualquer desejo idealizado. O autor devolve-nos à natureza humana e à sua tragédia irresolúvel.

Em *O estranho no processo analítico* José Manuel Pinto parte do conceito de estranho de Freud, da sua paradoxalidade e estabelece uma ligação com a construção da identidade do eu, salientando a presença do estranho em situações aparentemente banais do dia-a-dia. Complementa o seu texto com ilustrações clínicas que dão corpo e sentido aos conceitos desenvolvidos teoricamente.

Na secção *Teoria e Clínica*, os autores desenvolvem temas como dor psíquica e risco de suicídio, a palavra, o corpo e o “verdadeiro outro” e a rêverie. Em *Dor psíquica e risco de suicídio*, Rui Campos apresenta-nos o suicídio e atribui-lhe uma génese depressiva, assumida melancolicamente ou negada no *acting* contra o corpo próprio. O suicídio, no entanto, serve de ponte para realçar a importância do amor e da significação do eu, ou num outro dizer: ao reconhecimento do eu, como elemento chave de significação individual. O fim da linha sempre pode espreitar quando a esperança, estruturada na confiança básica (Erikson, 1998, 2011), não pôde ocorrer e abandonou o sujeito a um desamparo de significação de si e do mundo envolvente ou somente a uma distorção sem saída do mesmo.

Em *A palavra, o corpo e o “verdadeiro outro” – O modelo AEDP (Accelerated Experiential Dynamic Psychotherapy)*, João Ferreira apresenta-nos o modelo AEDPP baseado no conceito de *transformance*, baseado na necessidade de transformação do humano, tendo como alicerce a experiência emocional e relacional no aqui e agora. O autor descreve o modelo AEDP e considera-o «inspirado na psicoterapia psicanalítica, mas distinguindo-se desta primordialmente por não ser focado num modelo psicopatológico, mas antes num modelo teórico centrado nos mecanismos de mudança e transformação». Este texto propõe, com minúcia, uma outra modalidade de intervenção de inspiração psicanalítica com pacientes onde as emoções e as suas transformações estão no centro da mudança.

No texto *O lugar da rêverie na obra de Bachelard*, Ana Gaspar descreve o encanto que a psicanálise exerceu em Bachelard fazendo-o infletir numa linha racionalista para uma leitura poética. Bachelard, diz a autora, ao “deitar a ciência no divã” acaba por fazer «aquilo que qualquer psicanalista faria: analisar a sua história infantil». Ao fazê-lo desemboca numa filosofia poética onde as teses sobre a rêverie aparecem ligadas à imaginação e criação de imagens que aguardam por transformação.

No artigo de investigação *Sobre ombros de gigantes: o percurso e principais lições de psicoterapeutas de renome internacional*, Alexandre Vaz apresenta-nos um estudo sobre a psicoterapia, a partir da análise de 22 entrevistas a psicoterapeutas e investigadores de renome internacional, onde se abordou o desenvolvimento epistemológico dos profissionais em causa e os seus principais contributos para o que gostavam de ver desenvolvido

no âmbito da psicoterapia. Os entrevistados revelam ter passado por fases de desenvolvimento semelhantes, «começando com certas “certezas” teóricas, seguidas de “caos” (fase de desintegração dessas certezas), e finalmente chegando à “complexidade”».

Na secção *Investigação e Psicanálise*, a revista apresenta dois textos onde, através do método qualitativo de entrevista, se investiga a psicoterapia e o papel do riso e do humor como elemento de defesa e de adaptação ao outro, pela capacidade de rir e fazer humor das misérias humanas que sempre nos ladeiam, tocam e/ou acompanham na nossa demanda mundana. Em *O estudo da representação de si através da obra fotográfica de Francesca Woodman numa perspetiva psicodinâmica e projetiva*, os autores propõem-se explorar a relação entre o funcionamento psíquico da artista tendo em conta as suas produções, utilizando conceitos psicanalíticos, análise documental e aplicação da metodologia projetiva. Francesca Woodman revela na sua arte fotográfica da ruína exterior que se atualiza no corpo e nos atrai, perturba, angustia e faz pensar nos limites do corpo e do self em geral integrando temas como a solidão, a morte e o feminino.

Por fim, em *Fazer rir para não chorar – abordagem psicanalítica do humor*, os autores partem de um estudo qualitativo com humoristas e, através das suas entrevistas e do TAT, realçam como o riso é uma aprendizagem protetora para o próprio e para a relação com o outro. O humor, no próprio entender dos autores «talvez não seja muito mais do que a capacidade de rir das misérias da vida, dos fracassos do eu, da angústia de castração, da solidão, do desamparo, consistindo numa forma inteligente de lidar com a dor e o sofrimento e, fundamental, ainda tirar prazer disso».

O presente número da revista desafia-nos a uma imersão nos textos e ao retornar a eles, à luz da psicanálise e olhares sobre as temáticas em estudo, confirmando que a psicanálise está viva e se recria a cada texto como expressão humana por excelência.

José Manuel Pinto

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A «Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica e textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e os outros ramos da cultura, da ciência e da arte.

Regemo-nos por um sistema de arbitragem anónima por avaliadores externos (referees), através de um procedimento de Double Blind (duplamente cego): neste processo os intervenientes (autores, revisores e gestores de artigo) são tornados anónimos. O artigo é enviado para três Pares Revisores, que o examinam e arbitram sobre a sua qualidade. O editor enviará ao autor informação sobre a eventual aceitação para publicação; reformulação e submissão para nova avaliação por pares; ou não aceitação. No caso de reformulação, os autores receberão os pareceres e recomendações dos Pares Revisores e deverão proceder às alterações recomendadas.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Deverão ser enviados para o editor da revista dois ficheiros:

- No primeiro constará a identificação dos autores (num máximo de seis), com o nome, instituição (s) onde exercem, funções e os contactos (morada, e-mail e telefone).
- No segundo, devem ser apresentados o artigo integral, com o título em português e inglês, o resumo e as palavras-chave, abstract e key-words, mas sem quaisquer elementos que façam referência explícita ao autor.

NORMAS GERAIS DE FORMATAÇÃO

- Os artigos não deverão ultrapassar as 15 páginas (salvo algumas exceções), já incluindo referências, notas, tabelas, e figuras. Os últimos três elementos deverão ser evitados, exceto quando forem indispensáveis para a compreensão do texto.

- O texto deve ser apresentado em ficheiro Word, ou em formato RTF (Rich Text Format), com letra Times New Roman ou similar, tamanho 12, espaço 1,5, sem formatação, em páginas A4 e com coluna única. Deve-se evitar negritos, sublinhados, variação de tipo de letra, fundos de cor, etc..
- O corpo do texto deve ser precedido pelo título, um resumo entre 150 e 200 palavras e quatro a seis palavras-chave. O título, resumo e palavras-chave deverão ser apresentados na língua portuguesa e inglesa.
- Só são aceites notas de rodapé na primeira página do artigo relativas ao título e à identificação do autor. Estas notas são identificadas por numeração árabe em vez de asterisco.
- Todas as outras notas, apresentadas apenas quando forem consideradas essenciais, são reunidas no final do texto como notas finais antes das referências.
- As fotografias, figuras, esquemas e gráficos devem ter um título e ser enumeradas por ordem de inclusão no texto.

REGRAS DE CITAÇÃO E DE REFERENCIAÇÃO

As regras de citação e de referenciação devem ser elaboradas de acordo com as normas sugeridas pela A.P.A. (American Psychological Association).

CORRESPONDÊNCIA EDITORIAL E SUBMISSÃO DE TEXTOS

Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica
Rua António Pedro, 127 – 3º
1000-037 Lisboa
E-mail: apiresseven@gmail.com